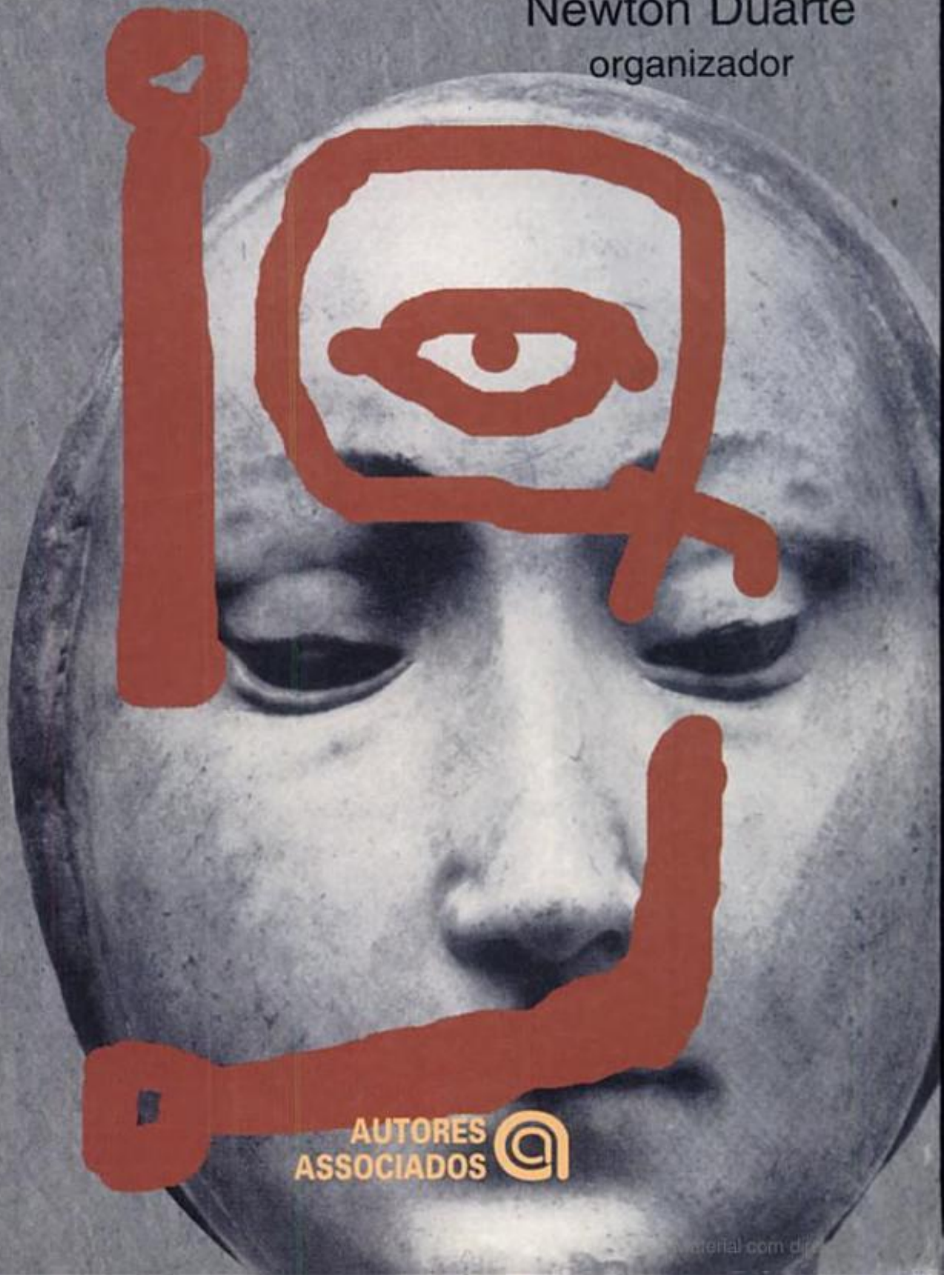


CRÍTICA AO FETICHISMO DA INDIVIDUALIDADE

Newton Duarte
organizador



AUTORES
ASSOCIADOS 

O BEZERRO DE OURO, O FETICHISMO DA MERCADORIA E O FETICHISMO DA INDIVIDUALIDADE

A palavra “fetiche” é usada em português por influência da palavra francesa *fétiche* que significa feitiço. Segundo o dicionário *Aurélio*¹, fetiche significa “objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural e se presta culto”. Ainda, segundo o mesmo dicionário, fetichismo significa “culto de objetos materiais, considerados como a encarnação de um espírito, ou em ligação com ele, e possuidores de virtude mágica”. Nesse sentido, fetichismo é um fenômeno que tem origem religiosa pois envolve o culto de alguma entidade, o culto de algum deus. É interessante notar que segundo a definição do dicionário trata-se da adoração de um objeto feito pelo homem ou pela natureza.

Uma das mais antigas, se não a mais antiga, referências à idéia de adoração de algo feito pelo ser humano encontra-se no Antigo Tes-

1 Consulta feita à versão eletrônica desse dicionário, disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aurelio>>. Acesso em: 24 abr. 2004.

tamento, no livro do *Êxodo*. Apresentarei aqui minha interpretação dessa narrativa bíblica, com o intuito de esclarecer e exemplificar alguns aspectos do fenômeno do fetichismo. Segundo a Bíblia, Moisés liderou a libertação do povo hebreu da escravidão egípcia. Essa libertação não ocorreu pacificamente, ela deu-se após as “dez pragas” que Moisés teria lançado sobre o povo egípcio. Parece-me plausível, de um ponto de vista materialista, supor que as “dez pragas” sejam uma forma fantasiosa de narrar ações de sabotagem e guerrilha realizadas por um grupo de homens sob o forte comando de Moisés. Vejo a figura de Moisés como a de um líder militar de pulso de ferro, o que poderia ser explicado, ao menos em parte, por ele ter sido educado como filho do faraó, o qual era para os egípcios a máxima autoridade política e religiosa. As “dez pragas” seguem uma ordem crescente de violência, até chegar ao assassinato, na calada da noite, de todos os primogênitos egípcios, o que fez o faraó finalmente ceder e decidir-se por libertar o povo hebreu. O que parece mais possível é que ele tenha decidido por se vingar dos ataques sofridos encurralando Moisés e seu povo às margens do Mar Vermelho. E aquilo que na Bíblia é narrado como o milagre da “abertura” do Mar Vermelho para passagem do povo hebreu e depois o “fechamento” das águas sobre os soldados egípcios pode também ser uma narrativa fantasiosa de alguma cilada que Moisés tenha lhes preparado, o que reforçaria minha hipótese de ser ele um grande líder militar.

Mas a vitória sobre os egípcios foi apenas o começo de uma longa batalha. Moisés tinha pela frente a tarefa de comandar um povo que vivera por bastante tempo sob o regime da escravidão. O mesmo pulso de ferro que ele usara para vencer os egípcios seria necessário para transformar o povo hebreu em um exército, considerando-se que o seu objetivo era conquistar a terra prometida, expulsando os povos que ali viviam. As palavras que Moisés teria ouvido de seu deus no Monte Sinai eram bastante claras nesse sentido:

Guarda o que eu te ordeno hoje; eis que eu lançarei fora diante de ti os amorreus, e os cananeus, e os heteus, e os perizeus, e os heveus e os jebuseus. Guarda-te de fazeres aliança com os moradores da terra aonde há de entrar; para que não seja por laço no meio de ti. Mas os seus altares derrubareis, e as suas estátuas quebrareis, e os seus bosques cortareis. Porque não te inclinarás diante de outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso; é um Deus zeloso. Para que não faças aliança com os moradores da terra, e quando eles se prostituírem após os seus deuses, ou sacrificarem aos seus deuses, tu, como convidado deles, comas também dos seus sacrifícios, e tomes mulheres das suas filhas para os teus filhos, e suas filhas, prostituindo-se com os seus deuses, façam que também teus filhos se prostituam com os seus deuses [*Êxodo* 34:11-16]².

Destruir altares e estátuas significa destruir a religião que dava a unidade simbólica dos povos inimigos. Destruir os bosques significava destruir as condições de reprodução material dos povos inimigos. A estratégia militar de Moisés era implacável e radical, e ele só poderia alcançar tal objetivo se o povo hebreu se transformasse em um exército forte e tivesse também uma forte identidade cultural. Era preciso criar disciplina e obediência. Mas isso não era uma tarefa simples e o próprio deus de Moisés reconheceu a resistência manifestada pelo povo hebreu: “tenho visto a este povo, e eis que é povo de dura cerviz”³ (*Êxodo* 32:9).

De início, segundo narra a Bíblia, Moisés teria adotado um sistema de governo pautado na relação direta entre ele e todo o povo, legislando e decidindo sobre cada caso, sobre cada conflito. Depois, por

2 Consulta feita à versão eletrônica da Bíblia. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/bibliaworld/biblia/index.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2004.

3 Cerviz – parte posterior do pescoço; nuca. Dobrar a cerviz – submeter-se à autoridade, à escravidão. Consulta ao dicionário *Aurélio*, versão eletrônica disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aurelio>>. Acesso em: 25 abr. 2004.

sugestão de seu sogro, diante do crescente volume de problemas, decidiu delegar a um grupo de homens por ele escolhido a tarefa de decidir sobre os casos menores e aplicar as penas que lhes coubessem. Mas ainda assim a situação se mostrava instável, os conflitos internos ao povo comandado por Moisés eram muitos, e certamente essa situação punha em questão o poder político de Moisés, poder este legitimado pela força da espada e da religião, ambas intimamente ligadas.

O acirramento dos conflitos internos provavelmente tinha como uma de suas origens a precariedade das condições materiais de sobrevivência, pois é mencionada na Bíblia a insatisfação generalizada do povo com a falta de alimentos. É provável que existissem conflitos pela posse de alimentos e de outros bens materiais, pon-do em risco a própria unidade do grupo. Então, Moisés decidiu elaborar um código com leis básicas, Os Dez Mandamentos, como um instrumento de organização das relações sociais, de arbítrio diante dos conflitos e de legitimação das penas a serem aplicadas. Ele subiu ao Monte Sinai para elaborar esse código básico de leis ou, segundo a Bíblia, para receber os mandamentos diretamente da autoridade divina. O primeiro dos mandamentos diz respeito ao monoteísmo, o que faz todo sentido, pois a liderança de Moisés era legitimada por sua posição de representante direto do deus único. Sendo a cultura egípcia antiga uma cultura politeísta, era natural que o politeísmo se fizesse presente entre o povo hebreu, e isso significava uma ameaça ao poder centralizado de Moisés. Estabelecido por lei que haveria um único deus, estava legitimada a centralização do comando em suas mãos.

Mas enquanto Moisés estava no Monte Sinai, elaborando Os Dez Mandamentos, acontecia entre o seu povo algo que iria provar que realmente não era fácil a tarefa que ele tinha diante si. Ele fora avisado que o povo estava cantando, festejando e celebrando diante de um bezerro que fora feito com ouro fundido. Moisés então desce

do monte e quando vê o que o povo estava fazendo é tomado de fúria e quebra as tábuas com o registro dos mandamentos. A quebra das tábuas pode ser interpretada como significando que ele se dera conta de que as leis de nada valeriam se o povo não acreditasse que o deus que ditara Os Dez Mandamentos tinha o poder de punir com rigor quem não obedecesse às suas leis. Se, portanto, Moisés pretendia manter o controle de seu povo, sua resposta àquele incidente não poderia ser branda, e de fato não o foi. Depois de quebrar as tábuas com os mandamentos, Moisés destruiu o bezerro de ouro: “e tomou o bezerro que tinham feito, e queimou-o no fogo, moendo-o até que se tornou em pó; e o espargiu sobre as águas, e deu-o a beber aos filhos de Israel” (*Êxodo* 32:20). Essa atitude tinha o efeito de mostrar que Moisés não temia o bezerro de ouro, que aquilo que os homens haviam feito os próprios homens poderiam destruir. Ao agir dessa forma, ele denunciava que o bezerro de ouro era um fetiche e que sua adoração era um fetichismo. Mas não bastava desafiar o poder do “falso deus”, era preciso mostrar o poder do “verdadeiro deus” e isso deveria ser feito pela espada.

Pôs-se em pé Moisés na porta do arraial e disse: Quem é do Senhor, venha a mim. Então se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi. E disse-lhes: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa; e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo, e cada um a seu vizinho. E os filhos de Levi fizeram conforme à palavra de Moisés; e caíram do povo aquele dia uns três mil homens [*Êxodo* 32:26-28].

A crítica de Moisés ao fetichismo não poderia, porém, é claro, ir às últimas conseqüências, razão pela qual se limitou a condenar a adoração de “falsos deuses”. Nenhuma crítica religiosa ao fetichismo pode ir às últimas conseqüências, porque para isso teria que ad-

mitir que todo deus é uma criação do ser humano. No século XIX, o filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872) deu uma importante contribuição à caracterização do fenômeno do fetichismo, ao mostrar que o deus cristão havia sido criado pelos seres humanos para sintetizar os atributos do próprio gênero humano. Portanto, o ser humano não teria sido criado à imagem e semelhança do deus dos cristãos, mas sim o contrário, o ser humano criou o deus cristão à imagem e semelhança do gênero humano. Para Feuerbach era necessário, portanto, que os seres humanos se libertassem da religião e se reconhecessem como criadores de si mesmos.

Karl Marx (1818-1883), contemporâneo de Feuerbach, compartilhava com este a idéia de que as religiões e os deuses a elas associados são criações do ser humano e que é preciso que o ser humano deixe de se submeter ao domínio daquilo que é por ele criado. Marx, porém, foi além de Feuerbach na crítica ao fetichismo. Para Feuerbach, a crítica à religião libertaria o ser humano, pois o traria dos céus imaginários para a vida terrena, real. Em vez de o ser humano voltar-se para um deus imaginário, deveria reconhecer-se no outro ser humano, reconhecer-se como membro do gênero humano. Embora Marx concordasse com a necessidade da crítica histórico-filosófica à religião, tal crítica não era para ele o ponto de chegada, mas apenas o ponto de partida, pois a grande questão é por que os seres humanos se submetem a deuses, isto é, por que os seres humanos precisam de deuses. Marx considerava que não seria suficiente combater as ilusões no plano das consciências, sendo necessário analisar os processos sociais objetivos que tornam necessárias as ilusões. De nada adiantaria criticar as religiões e tentar fazer as pessoas delas se desligarem, se não fosse modificada a realidade social que fez com que as pessoas tivessem necessidade desse tipo de ilusão. Marx entendia que a crítica à religião não deveria ter por objetivo fazer com que as pessoas con-

tinuassem a viver sob as mesmas condições sem, entretanto, as ilusões que tornavam a vida subjetivamente mais suportável. Marx não queria produzir cinismo ou desesperança, mas sim espírito revolucionário. Era preciso fazer a revolução para mudar a sociedade, para superar uma realidade social opressiva, da qual a religião era apenas uma representação ideológica. Aliás, Marx tinha clareza de que enquanto continuassem a existir as relações sociais de exploração, enquanto a maior parte da humanidade vivesse sob o jugo espoliador de uma classe dominante, não seria possível fazer a humanidade em seu conjunto se libertar das religiões e dos deuses a elas associados.

O atual recrudescimento do misticismo e do apelo religioso é totalmente compreensível e explicável a partir da análise marxiana das relações entre religião e sociedade. Marx nunca defendeu a idéia de que as religiões fossem proibidas, mas sim que elas deixariam de ser necessárias quando fossem superadas as circunstâncias sociais caracterizadas pela exploração do ser humano pelo próprio ser humano. Se o que faz os seres humanos precisarem de religião é justamente o fato de não serem sujeitos de sua própria vida, não controlarem seu próprio destino, se o mundo a eles parece ser comandado por algo que vai além da vontade humana, então somente quando o gênero humano for sujeito dos rumos tomados pela sociedade e cada indivíduo puder ser sujeito construtor do sentido de sua vida, somente a partir daí é que as religiões irão deixando de ser necessárias às pessoas, ou seja, somente então o povo não precisará mais de seu ópio. Mas, enquanto a sociedade continuar a ser presidida pelas relações sociais alienadas e, em conseqüência, a vida cotidiana da grande maioria das pessoas continuar a ser essencialmente fetichista, não será possível a superação universal das concepções religiosas acerca da existência do ser humano e do mundo. É por isso que Marx escreveu que a arma da crítica não substitui

a crítica pelas armas, o que em outras palavras quer dizer que a crítica teórica precisa ser acompanhada da ação revolucionária.

Mas para fazer a revolução, isto é, para superar a sociedade capitalista, é preciso entender a essência da dinâmica de funcionamento dessa sociedade. Foi a isso que Marx dedicou a maior parte de sua vida, em seus estudos realizados em Londres. Sua obra máxima, *O capital*, é um dos resultados desse estudo. No primeiro livro, aquele que Marx publicou ainda em vida, ele começa o estudo da sociedade capitalista pela análise abstrata da mercadoria, decompondo-a em valor de uso e valor de troca. Como a própria expressão já indica, valor de uso diz respeito à utilidade concreta que a mercadoria terá para quem vier a adquiri-la. Os trabalhadores que produziram essa mercadoria realizaram um tipo específico de atividade de trabalho, resultando nesse tipo específico de produto. A essa especificidade da atividade de trabalho necessária à produção de uma determinada mercadoria em particular Marx chamou de trabalho concreto. Além do valor de uso, a mercadoria possui também o valor de troca, sem o que ela não poderia ser comprada e vendida. No mercado, todas as mercadorias podem ser trocadas umas pelas outras, independentemente do fato de cada uma delas ter um valor de uso distinto das demais. Mas, para que possam ser trocadas, é preciso que elas sejam comparadas, e para que seja feita a comparação é preciso que elas tenham algo em comum. O que elas têm em comum, segundo Marx, é a quantidade de trabalho socialmente necessária para a sua produção, só que agora fazendo a abstração da natureza específica do tipo de atividade de trabalho realizada para produzir cada mercadoria. É por isso que, para se referir ao valor de troca das mercadorias, Marx formula o conceito de trabalho abstrato, ou seja, a quantidade de trabalho humano genérica e abstratamente considerado. É essa abstração que permite a quantificação, a qual se materializa na mercadoria universal que é o dinheiro, o qual é puro valor de troca.

É importante distinguir entre a produção de um objeto para uso imediato e a sua produção como mercadoria a ser trocada no mercado. Quando uma avó faz uma blusa de crochê para sua neta, ela não está produzindo mercadoria. Mas quando uma indústria produz blusas, que podem ser quase idênticas àquela feita pela vovó, está produzindo mercadorias. A produção de mercadorias pressupõe a existência de uma totalidade social estruturada em relações de mercado. É essa totalidade que determina a necessidade de um denominador comum, de uma mediação que quantifique numa forma universal o trabalho abstrato. Essa mediação universal é feita pelo dinheiro. O dinheiro, portanto, é uma pura relação social, algo cujo significado objetivo é dado pela totalidade das relações de mercado. Mas, aos olhos dos seres humanos, o dinheiro parece possuir poderes mágicos, parece ser algo que tem vida própria. Uma das características do processo que leva ao fetichismo é o fato de que as pessoas só vêem aquilo que está imediatamente presente e não conseguem analisar o fato imediato à luz da totalidade social. O fetichismo é um fenômeno próprio do mundo da cotidianidade alienada ou, para usar uma expressão de Karel Kosik (1976), do mundo da pseudoconcreticidade.

O dinheiro tem sido um fetiche há muito tempo, assumindo sua forma mais intensa na sociedade capitalista. Como o ouro e a prata foram usados inicialmente como materiais para produção de dinheiro, pensou-se que a riqueza seria uma propriedade natural do ouro ou da prata, quando, na verdade, era a totalidade das relações de mercado que determinava que esses metais preciosos desempenhassem o papel de mediação na troca de mercadorias. Não foi por acaso que uma das correntes econômicas, conhecida como mercantilista, defendeu a idéia de que a origem da riqueza de uma nação estaria na propriedade de metais preciosos. Mas outra teoria, a fisiocracia, questionou o mercantilismo e afirmou que a riqueza de uma nação estava no trabalho agrícola, ou seja, seria a agricultura a sua fonte de riqueza.

Os economistas clássicos, de Adam Smith a David Ricardo, avançaram na análise da origem da riqueza no intuito de a desvincular, seja de um tipo específico de matéria como os metais preciosos, seja de um tipo específico de trabalho, como o trabalho agrícola. Tendo estudado criticamente os economistas clássicos, Marx elaborou sua teoria do valor, afirmando que o que atribui valor a algo é o trabalho humano. A riqueza é trabalho humano objetivado, isto é, atividade de trabalho materializada. A riqueza é trabalho humano em geral, trabalho humano abstratamente concebido. Estava então desvendado o segredo da troca de mercadorias. Elas podem ser trocadas, comparadas quantitativamente, porque possuem em comum o trabalho humano abstratamente concebido. O valor de troca é, portanto, uma relação social, uma relação entre os seres humanos. Não é uma propriedade natural da mercadoria. A madeira da qual é feita uma mesa contém propriedades naturais, mas o valor de troca da mesa não tem nada proveniente da natureza, é pura relação social.

Ocorre que no mercado há um processo de compra e venda de mercadorias, e esse processo apresenta-se aos olhos dos seres humanos como sendo uma relação entre coisas, isto é, a aparência é a de que as relações estabelecidas no mercado seriam relações entre os objetos, quando, na verdade, são relações sociais. É a atividade humana de trabalho que é trocada no mercado. Aquilo que se mostra aos sentidos humanos como sendo uma relação física entre coisas é uma relação social, uma relação entre pessoas. Assim como o bezerro de ouro não tinha nenhum poder por si mesmo, pois quem tem o poder na verdade são os seres humanos, também as mercadorias não têm em si mesmas a capacidade de se trocarem umas pelas outras, o que possibilita essa troca são as relações sociais. É assim que surge o fetichismo da mercadoria:

Porém, a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho, na qual ele se representa, não têm que ver absolutamente nada com sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Por isso, para encontrar uma analogia, temos de nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os homens. Assim, no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias [MARX, 1983, p. 71].

Mas os seres humanos agem no seu cotidiano como se o valor de troca fosse uma propriedade natural das mercadorias. O fetichismo da mercadoria não é um fetiche religioso, mas sim um fetiche que contém uma naturalização de algo que é social. Um produto das ações humanas é visto pelos próprios seres humanos como se fosse comandado por forças da natureza, como se tivesse vida própria. Trata-se do que poderia ser chamado de fetiche secularizado. A secularização dos fetiches é um fenômeno da sociedade capitalista.

Entre os muitos fetichismos produzidos por essa sociedade, temos o da individualidade. Conforme citei anteriormente, é próprio do fenômeno do fetichismo que o ser humano se submeta ao domínio de algo a que ele atribui poderes. No caso do fetichismo da individualidade, o que ocorre é que em vez de a individualidade ser considerada fruto de um processo educativo e auto-educativo deliberado, intencional, ela é considerada algo que comanda a vida das pessoas e, em consequência, comanda as relações entre as pessoas e a sociedade. Mesmo que o fetichismo da individualidade surja em

nome da liberdade individual, como é o caso das várias formas assumidas pela ideologia liberal, o seu resultado é a negação da liberdade. Um exemplo bastante claro disso é o das correntes pedagógicas que advogam que a educação deva submeter-se ao desenvolvimento espontâneo de cada pessoa, desde a educação infantil até o ensino universitário. Essas pedagogias, todas apoiadas na ideologia liberal, mesmo quando disso não tenham consciência, aparentam ser promotoras da liberdade mas, na verdade, escravizam as pessoas à espontaneidade de processos sociais e naturais.

Quem tenha estudado Marx sabe que para ele a liberdade do gênero humano só seria alcançada pela superação da divisão espontânea do trabalho, da organização espontânea da sociedade. Espontâneo, nesse caso, significa algo não deliberado, não intencional. Os processos naturais são espontâneos. Por isso, não há liberdade na natureza, por isso liberdade é algo que só pode existir para o ser humano. Ao contrário do que muita gente pensa, a individualidade livre não se forma por processos espontâneos.

Existem, também, outras formas de fetichismo da individualidade. Uma delas, bastante popular, é aquela na qual se pensa que as pessoas nascem já com suas características básicas definidas, seja por vontade divina, seja por herança genética. Outra não muito diferente é aquela na qual as características básicas da individualidade de uma pessoa são definidas nos primeiros anos da infância, digamos, por exemplo, nos primeiros seis anos de vida. No resto da vida de uma pessoa o que ela poderá fazer é não mais que conhecer e “aprender a lidar” com essa individualidade.

Marx pôde fazer a crítica ao fetichismo da mercadoria descobrindo o segredo da mercadoria, ou seja, compreendendo a lógica econômica objetiva da sociedade capitalista. Para fazer a crítica ao fetichismo da individualidade, é preciso também descobrir o “segredo” da individualidade, é necessária uma teoria marxista da individuali-